

Capítulo 4

A DIMENSÃO COGNITIVA DA INFORMAÇÃO E O SEU IMPACTO NA EXPRESSÃO “INFORMAÇÃO DOCUMENTAL”

Armando Malheiro da Silva

In memoriam de José López-Yepes, que se estivesse vivo seguramente debateria esta comunicação com fervor.

NOTA DE ABERTURA

Em termos gerais pode dizer-se que há consenso sobre o objeto que a Ciência da Documentação ou Ciência da Informação estuda especificamente – o documento portador de conteúdo/informação. No entanto, se esmiuçarmos retrospectivamente o modo de designar esse objeto, a diversidade terminológica é perturbadora e tem implicações epistemológicas óbvias.

Basta trazer à colação, de forma breve, as disciplinas práticas surgidas na Modernidade, na sequência, aliás, da criação estatal dos “lugares de Memória”, de acordo com a feliz caracterização do historiador francês Pierre Nora – Arquivo, Biblioteca e Museu –, para depararmos essa diversidade de objeto a implicar abordagens disciplinares distintas: o documento de arquivo só é estudado pela Arquivística, os livros, as revistas, os jornais e o “material não livro” são do escopo da Biblioteconomia/Bibliotecologia (reclamando esta, também, o estudo do papel social da Biblioteca), as peças musealizadas são da competência da Museologia, o documento reconfigurado conceitualmente por Paul Otlet e seus discípulos cai no âmbito da Ciência da Documentação e os conteúdos criados ou transferidos para a tecnologia digital, seu tratamento, armazenamento e acesso são o foco exclusivo da Ciência da Informação, nascida nos EUA a partir da década de cinquenta do séc. XX.

Se nos mantivermos nesta perspectiva fragmentária pode-se quando muito (e há, naturalmente, autores que têm a clarividência de o admitir – Araújo, 2014) aceitar a existência de uma dinâmica interdisciplinar que aproxima, mas sem perda de autonomia e de diferenciação, todas essas disciplinas, uma vez que há uma convergência óbvia quanto ao objeto comum. E no espaço ibero-americano, no qual o CIIBERCID cumpre o desígnio de diálogo e de clara aproximação de posições e de abordagens, é cada vez mais evidente que informação e documento são o alvo através de um ângulo disciplinar exclusivo. Porém, neste mesmo espaço, usam-se termos e expressões não coincidentes, caso estejamos em Portugal e no Brasil ou caso estejamos em Espanha e nos países hispânicos das Américas. Nestes últimos insiste-se em caracterizar o objeto de estudo com a expressão informação documental, enquanto portugueses e brasileiros aceitam o emprego apenas do termo informação.

Interessa-nos, aqui, aprofundar a razão de ser desta demarcação designativa e buscar uma conceituação mais ajustada à realidade fenoménica que funda e justifica o objeto disciplinar.

O PARADIGMA COGNITIVO IDENTIFICADO POR RAFAEL CAPURRO

A trajetória analítica que se impõe pode ter como ponto de partida a proposta de identificação de paradigmas no campo da documentação/informação feita por Rafael Capurro. No entanto, esta escolha de ponto de partida exige uma clarificação sobre a definição de paradigma, conceito operatório introduzido nos anos sessenta pelo físico e historiador da Ciência norte-americano, Thomas Kuhn, numa obra que se tornou rapidamente famosa – *The Structure of scientific revolutions* (Kuhn, 1962). Porém, a forma como o Autor apresentou esse conceito operatório e o aplicou à estrutura interna das ciências padece de várias lacunas e equívocos, desde logo a defesa de uma Ciência Normal mal explicada, provavelmente associada apenas às ciências naturais e exatas, excluindo as sociais e humanas, e ainda a ideia de que a transição de paradigma no interior de uma ciência se dá por rutura ou de forma revolucionária e não de outro modo, nomeadamente pela coexistência prolongável em tempo variável do velho com o novo paradigma. Kuhn após a publicação do seu livro entregou-se à tarefa de explicá-lo e, mesmo assim, subsistiram fortes dúvidas. Paradigma equivale a teoria, ou a hipótese, ou ainda a método? Se convém eliminar dúvidas e para que estas se dissipem torna-se necessário investir numa definição precisa que torne viável o seu uso. Paradigma é: a perspetiva baseada no(s) discurso(s) filosófico(s), princípios e valores que guiam a forma de pensar e de fazer ciência em seu campo disciplinar específico.

De acordo com este entendimento, Rafael Capurro limitou e reduziu a amplitude conceitual de paradigma, cingindo-se apenas à Documentação e à Ciência da Informação, deixando de fora outras disciplinas práticas oitocentistas como a Arquivística e a Museologia. Identificou três paradigmas que correspondem a três estádios evolutivos do campo em foco: o físico, associado à teoria da informação de Claude Shannon e Warren Weaver (1948); o cognitivo, baseado na obra de Bertram Brookes; e o pragmático e social, postulado por Birger Hjørland e o próprio Capurro (Capurro, 2003). Vejamos como ele os caracteriza na conferência que proferiu, no ENANCIB de 2003, em Belo Horizonte, Brasil:

1) El paradigma físico

La ciencia de la información comienza como teoría de la information retrieval basada en una epistemología fisicista. A este paradigma, íntimamente relacionado con la así llamada information theory de Claude Shannon y Warren Weaver a la que ya hice alusión y también con la cibernética de Norbert Wiener, se lo ha llamado el "paradigma físico". En esencia este paradigma postula que hay algo, un objeto físico, que un emisor trasmite a un receptor. Curiosamente la teoría de Shannon no designa a este objeto como información (information) sino como mensaje (message) o más precisamente como signos (signals) que deberían ser en principio reconocidos unívocamente por el receptor bajo ciertas condiciones ideales como son la utilización de los mismos signos por parte del emisor y del receptor y la ausencia de fuentes que perturben la transmisión (noise source).

2) El paradigma cognitivo

Comencemos por recordar que ya en las ideas de una bibliografía universal de Paul Otlet y Henri Lafontaine que

llevarían a la fundación del "Institut International de Bibliographie" de Bruselas en 1895, denominado posteriormente "Institut International de Documentation" y finalmente "Fédération Internationale de Documentation" (FID) en 1937, está explícita la idea de distinguir entre los conocimientos y su fijación en documentos. La documentación y luego la ciencia de la información tienen que ver aparentemente en primer lugar con los portadores físicos del conocimiento, pero en realidad su finalidad es la recuperación de la información misma o sea del contenido de dichos portadores. (...)

3) El paradigma social

Los límites del paradigma cognitivo radican precisamente en la metáfora o *pars pro toto* de considerar a la información como algo separado del usuario ubicado en un mundo noumenal metafísico o de ver al usuario si no exclusivamente si en primer lugar como sujeto cognoscente dejando de lado los condicionamientos sociales y materiales del existir humano. Es esta visión reductiva la que critica Bernd Frohmann quien considera al paradigma cognitivo no sólo como idealista sino también como asocial. Frohmann escribe: "el punto de vista cognitivo relega a los procesos sociales de producción, distribución, intercambio y consumo de información a un nivel noumenal, indicado sólo por sus efectos en las representaciones de generadores de imágenes atomizados. La construcción social de los procesos informativos, es decir la constitución social de las "necesidades de los usuarios", de los "archivos de conocimientos" y de los esquemas de producción, trasmisión, distribución y consumo de imágenes queda así excluida de la teoría de la bibliotecología y de la ciencia de la información." La crítica de Frohmann está basada en parte implícitamente en la epistemología del Wittgenstein de las "Investigaciones filosóficas" así como en la teoría de los discursos

como manifestaciones de poder de Michel Foucault. Más precisamente se puede decir que Frohmann critica a una epistemología basada en conceptos como "imágenes mentales", "mapas cognitivos", "modelos del mundo", "realidades internas" etc. (Capurro, 2003).

Percebe-se por este extrato do importante texto de Capurro, que ele identificou os paradigmas a partir de teorias concretas, o que fica aquém do postulado e exigido na definição apresentada. Porém, esta sistematização, ainda que reduzida e redutora, introduz de forma adequada a discussão sobre o objeto da Ciência da Informação, levando-nos, de imediato, para uma clarificação do sentido do termo 'informação' e a que realidade ele se reporta. Convém não esquecer que Rafael Capurro defendeu a sua tese de doutoramento na Alemanha, no final da década de setenta do séc. XX, sobre o conceito de informação e dessa tese saíram dois artigos lapidares, um dos quais assinado com Birger Hjørland. E essa investigação apurada permitiu-lhe formular o "trilema de Capurro" a respeito das múltiplas apropriações semânticas que o termo teve na segunda metade de novecentos. Em síntese, o trilema divide em três categorias as definições que foram surgindo sobre informação; (a) univocidade, em que informação tem o mesmo significado em todos os níveis e áreas do conhecimento, o que pode causar a perda de todas as diferenças qualitativas como sucede quando se aplica o conceito tanto à linguagem humana, como aos processos celulares; (b) analogia em que informação é algo similar e isto ocorre quando se deve definir qual é o significado original e que é representado por antropomorfismos e naturalismos (exemplo: diz-se que os átomos falam uns com os outros); equivocidade em que informação é algo diferente como sucede na física ou na educação (Capurro, Fleissner & Hofkirchner, 1999).

Bertram Brookes é um expoente teórico da ênfase posta no conhecimento veiculado pelos documentos ou pelo suporte e esse conhecimento modifica o estado cognitivo dos usuários, sendo este processo de busca e de assimilação do conteúdo o que constitui o foco ou o núcleo central da Ciência da Informação. Contrapõe-se, assim, quer à visão mecanicista ou fisicalista de Shannon e Weaver, que pode ser associada ao viés físico da documentação de Paul Otlet, e demarca-se da abordagem da informação contextualizada, ou seja, criada e usada socialmente.

O paradigma cognitivo radica, mais do que numa teoria específica, numa evidência que ficará mais compreensível quando precisarmos o conceito de informação e, por consequência natural, o de comunicação. Evidência que nos põe perante um fenómeno estritamente humano: a capacidade do Homo sapiens, único ser vivo no planeta terra dotado de um cérebro com elevado potencial encefálico, capaz de representar-se cognitivamente e emocionalmente (assunção de consciência), bem como a tudo o que o rodeia, através de signos e símbolos (a linguagem). Sem esta condição humana e social inerente à espécie e à sua evolução não seria possível converter em temática e problemática de estudo a infocomunicação (humana e social). É também uma evidência que os conteúdos (cerebrais e mentais) são plenamente comunicados quando se externalizam do emissor/sujeito e materializam num suporte que os transmite e torna acessíveis a uma infinidade de recetores – o documento é o meio óbvio de transmissão. No entanto há que indicar se o estudo/pesquisa recai sobre o suporte material do meio ou sobre o conteúdo desse mesmo meio (documento).

A tradição biblioteconómica e arquivística mostra bem que a tarefa principal dos profissionais (bibliotecários e arquivistas) consistia em extrair dos livros impressos e dos documentos manuscritos os elementos identificadores de autoria, do assunto,

de datação e outros (alguns referentes ao suporte) que serviam para identificar e, inclusive, classificar tematicamente a fim de que pudessem ser lidos pelos usuários. A esse trabalho de organização e de representação de conteúdos dá-se, atualmente, o nome de meta-informação para se enfatizar o essencial que está em pauta – a informação sobre a informação que interessa a um público tanto específico, como genérico.

A força ilustrativa desta tradição válida, em termos gerais, o paradigma cognitivo; no entanto não exclui, antes convoca em complementaridade, o paradigma social. E o físico, centrado na noção de documento ou ainda na informação consagrada pela teoria matemática de transmissão de sinais dos matemáticos do Laboratório Bell – Shannon e Weaver – como interfere na configuração do objeto da Ciência da Informação? Um modo de tentar resposta adequada é confrontar analiticamente o neodocumentalismo com a expressão informação documental.

O NEODOCUMENTALISMO E A INFORMAÇÃO DOCUMENTAL

A herança viva de Paul Otlet sobrevive ainda que de forma contrastada: a nova ciência proposta no *Traité de la Documentation: le livre sur le livre* (1934) coloca o documento como alvo, porém este representa um objeto muito mais amplo do que o biblos (livro) impresso. Verifica-se que o espírito inovador otleano, fruto do tempo histórico em que está profundamente situado, deixa perspetivar uma clara valorização do conteúdo sobre o continente (suporte) – textos escritos, manuscritos ou dactiloscritos administrativos, técnicos ou científicos, pautas musicais, fotografias, pinturas e desenhos mereciam ser organizados, classificados e indexados a fim de estarem acessíveis livremente. O visionário belga não ousou afirmar a centralidade

total do conteúdo (informação) mantendo a presença do suporte e o termo documento reflete esta postura ambígua, compreensível nesse tempo, no entanto o *Traité* anuncia uma atividade voltada para a mediação do que é veiculado pelo suporte.

Não obstante esse indiscutível pendor informacional, o legado de Otlet ficou cristalizado na noção de documento e assim se manteve até hoje através de discípulos e pretensos herdeiros. Discípulos como Suzanne Briet que em *Qu'est-ce que la documentation?* (1951) associou o documento à produção de conhecimento científico e à informação com a sua alegoria do antílope: este simpático animal, enquanto solto no seu habitat natural, não é documento, mas se for levado para um jardim zoológico ou para um laboratório de Zoologia aí transforma-se em documento porque gera informação ou conhecimento científico. E herdeiros como os que de algum modo constituem o designado “movimento” do neodocumentalismo, objeto de pesquisa e análise na tese de doutoramento de Asy Pepe Sanches Neto, intitulada “O que é Neodocumentação?”. Acompanhando a formação da rede, dos discursos e das agências a partir das obras de Niels Lund, Michael Buckland, Ronald Day e Bernd Frohmann (Sanches Neto, 2022), cujo resumo se capta essencial dessa proposta epistemológica:

A presente pesquisa tem por objetivo compreender os conceitos de documento e documentação e a trajetória do movimento chamado de neodocumentação a partir da produção em língua anglófona de Michael Buckland, Niels Lund, Ronald Day e Bernd Frohmann. Como método de trabalho utilizamos a produção científica destes autores. Traçando as agências que se formavam, os comentários que faziam e os

enunciados que escreviam, de modo a privilegiar as múltiplas abordagens utilizadas pelos autores na construção de um artigo, livro ou uma apresentação, recorrendo tanto aos capítulos e seções de seus trabalhos, quanto às notas de rodapé, de agradecimentos, referências etc. Através do exame de todas estas partes de suas obras, identificamos três grandes temas que se ligam aos tópicos abordados: a) a forma de construção da rede da neodocumentação; b) os conceitos, práticas e contextos que os fizeram migrar para uma nova abordagem conceitual, cuja ênfase concentra-se na crítica à informação e no impacto das novas tecnologias de comunicação sobre as formas de vida e socialização; c) a formação de uma agenda própria da neodocumentação, principalmente impulsionada pela dúvida: “o que é um documento?”. O processo de análise, construído na interlocução com suas produções, permitiu-nos conhecer o trajeto teórico e epistemológico delineado pelos autores e algumas de suas respostas sobre a questão do documento, categorizadas como sendo de dois tipos: 1. abordagem binária à questão, o que ser pode ser um documento ou não ser um documento a partir da compreensão das redes às quais um determinado objeto ou coisa se liga (a ênfase está sobre o que um documento representa.); 2. um caminho de resposta móvel à questão, retirando a centralidade da lógica da representação e a incidindo sobre a lógica de ação, ou seja, o que uma determinada coisa

deve fazer para que seja considerada um documento? (a ênfase está sobre o que um documento faz). Os resultados desta pesquisa estão nas seções que tematizam e buscam individualizar cada um desses pontos de destaque. Concluímos a pesquisa apontando que os resultados aqui apresentados expressam que as práticas de documentação se ligam aos contextos culturais de sua produção e que devem ser validadas em múltiplos contextos, igualmente concluímos que a experiência da neodocumentação, sobretudo no que se refere à formação do departamento de estudos da documentação de Tromsø, Noruega (conhecido como Dokvit), permite fazermos uma autocritica sobre como estamos estruturando nossos currículos nos departamentos de ensino, se afastados ou integrados com a sociedade, uma vez que documentos são vistos como formas culturais de expressão e agência. Nesse sentido, acreditamos que o acompanhamento da formação da neodocumentação nos permitem avaliar nossos próprios métodos de construção das bibliotecas e da biblioteconomia no Brasil (Sanches Neto, 2022, p. 8).

A crítica ideológica à informação e ao impacto da tecnologia digital sobre a vida humana e a socialização é um eixo central deste movimento. No entanto, se tomarmos em consideração o último livro de Niels Windfeld Lund (2024), este eixo não aparece evidenciado. Pelo contrário, percebe-se claramente o cuidado em apresentar três ordens inscritas no ser humano: a ordem do ato físico que corresponde ao documento

(subentende-se aqui a materialidade, o suporte e os dispositivos tecnológicos digitais cabem forçosamente aqui...); a ordem social que corresponde à comunicação; e a ordem mental que corresponde à informação (e aqui é possível vislumbrar o paradigma cognitivo de Brookes e Ingwersen). E se esmiuçarmos a leitura do pensamento de Lund (2024) chegamos à definição que nos apresenta de documento. Após uma minuciosa análise etimológica do termo: ‘documento’ é qualquer resultado do esforço humano de contar, instruir, demonstrar, ensinar ou produzir uma peça e desta forma podem-se ver as ações humanas como ações documentativas/documentais, que refletem e provam a vida de uma pessoa ao segundo (Lund, 2024, p. 25). E acrescenta algo relevante e que deve ser citado no original: “As we act and perform in an infinite flow, day after day, we also communicate and inform ourselves and our surroundings, our community. To comprehend any actions made by oneself or by others, one needs to delimit those actions by creating a document with a discrete border – as Roland Barthes put it “the meaning is above all a cutting-out of shapes’. We need to cut-out a certain number of actions and delimit them within a document in order to understand what is happening in any place and time” (Lund, 2024, p. 25). Há neste exercício definitório uma ressignificação do sentido básico e concreto de documento (radicado etimologicamente: meio de instruir, de comunicar...) em que o suporte a existir é o ser humano com seu corpo produtor de ações documentárias. E por aqui fica tênue a diferença entre informação e comunicação. No entanto, Lund prossegue confundindo-nos um pouco mais, porque não aprofunda a sua afirmação: “Both, communication and information process need to be complementary to documentation in order to grasp the result of those processes, just as documentation processes need the processes of communication and information in order to play a social role and be understood. You must talk about and comprehend a specific result of the

documentation process, the discrete entities, the document” (Lund, 2024, p. 25). Que processos são esses? No caso da documentação são entidades discretas – os documentos, que nascem de um número infinito de situações complementares que envolvem o trinómio documentação, comunicação e informação intrínseco à vida humana. E Lund dá o exemplo desta complementaridade com um jantar de família: 1º temos os membros da família com diversos papéis ou tarefas; 2º temos diferentes meios que vão dos ingredientes, as panelas, pratos, equipamentos da cozinha, etc.; e 3º consiste no modo tradicional e cultural como é feito um jantar de família normal de acordo com o lugar no Mundo onde ocorra (Lund, 2024, p. 26). Estes três fatores reunidos constituem o documento de um jantar de família. E a pergunta que se coloca do ponto de vista epistemológico é: este documento é o objeto de estudo da Ciência da Documentação? Segundo Lund (2024) parece que sim, mas a resposta é equívoca. Ou, em alternativa, e o título da obra de Lund (2024) indicia esta segunda via, a resposta é que o documento de um jantar de família é objeto de várias abordagens disciplinares – estudos sobre informação, plena interdisciplinaridade. E, se esta é a resposta, o neodocumentalismo afasta-se do propósito do mentor Paul Otlet e embarca numa deriva pós-modernista.

Apesar da crítica à informação e à tecnologia digital, Niels Lund (2024) insiste na complementaridade entre documentação, comunicação e informação, porém o exemplo do jantar extrapola as possibilidades epistemológicas de uma Ciência da Informação ou da Documentação.

Em face deste dilema, a expressão informação documental ganha um potencial de clarificação indiscutível. José Antonio Moreiro Gonzalez (2005) explicita-a como conceito operativo e ao fazê-lo inutiliza por completo os malabarismos conceituais (ideológicos e sociológicos) do neodocumentalismo:

Dado que la información es conocimiento, por lo tanto de naturaleza abstracta y conceptual, si quiere hacer evidente tiene que representarse mediante una expresión de carácter físico. Para volverse tangible, la información ha de fijarse en un documento. Cualquier intervención para derivar nuevas formas informativas, manejar mediante la tecnología, almacenar y recuperar en sistemas concretos, se efectúa sobre esta forma física de información (Moreiro Gonzalez, 2005, p. 45).

Este posicionamento epistemológico está, sem dúvida, muito mais perto do legado de Paul Otlet (1934) que o neodocumentalismo, nomeadamente pela ênfase colocada no suporte material, elemento essencial para que tenhamos documento, uma vez que se ficássemos só pelo conteúdo mental estaríamos apenas diante de informação/conhecimento. Note-se que a aceção de documento para Moreiro Gonzalez (2005) diferencia-se de Lund (2024) e de Briet (1951) e centra-se no sentido básico e concreto: informação registada/inscrita num qualquer suporte. E desta forma oferece à Ciência da Informação um objeto mais claro e que lhe confere unidade interna.

DA INFORMAÇÃO DOCUMENTAL À INFOCOMUNICAÇÃO

Esta identificação do objeto de estudo pode ser mais aperfeiçoada e devemos, para tanto, retomar o trilema de Capurro e atacar frontalmente a univocidade. E como? Pela via fenomenológica, entendida como a apreensão do que aparece no mundo real. Entre todos os seres vivos no planeta Terra, o ser humano evoluiu com características diferenciadoras dos outros mamíferos e de todas as outras espécies, especialmente a

capacidade simbólica, ser dotado de consciência e basear o seu comportamento social na capacidade de dar forma (significado em latim de *informatio*) às ideias e emoções e conseguir partilhá-las (significado em latim de *communicatio*) aos seus semelhantes. Temos, assim, um fenómeno humano de raiz cognitiva e de modelação social, que não se confunde com a função relacional dos outros animais, pelo que devemos deixar clara que informação e comunicação designam o fenómeno psicossomático do ser humano. E feita esta delimitação passamos à fase epistemológica seguinte: a construção do objeto específico da Ciência da Informação.

Esta segunda fase exige uma clarificação definitiva pondo em evidência três módulos (Silva; Paletta, 2022):

- 1º conjunto estruturado de representações racionais e emocionais socialmente modeladas (sinais, símbolos) codificadas;
- 2º susceptível de ser inscrito ou materializado em qualquer suporte (ou substância material natural ou manufacturada; artefacto);
- 3º e que podem ser partilhadas de forma síncrona ou assíncrona, unidirecional ou multidirecional (comunicação).

Assentes nesta “definição” modular é possível superar a posição demasiado simplista de Brookes e Ingwersen e daqueles que sustentam que o objeto científico é o documento (conteúdo + suporte), quando é óbvio para todos que a simples ênfase na “organização do conhecimento” revela que o foco de todo o trabalho está no conteúdo e não no continente ou suporte, em suma, que o foco (o “núcleo” da investigação científica) são as ideias ou temas verbalizados e escritos. saídos do cérebro/mente (Mora, 2002) de alguém ou de algumas pessoas e captado por outra ou por muitas. Esta dimensão cognitiva (e emocional) sobreleva o

facto sublinhado por Moreiro Gonzalez (2005) de que só conseguimos lidar com a informação uma vez materializada, na forma de documento, o que é verdade, mas... Não é, porém, no suporte e, sim, no conteúdo que recai o trabalho analítico do profissional da informação. Este não estuda, por exemplo, o fabrico do papel, nem lhe coube a ele o trabalho de criação do hardware e do software que compõem os dispositivos informáticos – o suporte digital dominante hoje, sendo certo que num futuro, que já está a fazer-se presente, as competências computacionais terão de ser reforçadas e até incluídas na formação do cientista e gestor de informação.

Seguindo os módulos acima destacados percebe-se que a informação além de cognitiva é social forçosamente porque os códigos (da língua aos códigos-máquina como os algoritmos) que expressam as representações são um produto social e que quando as representações codificadas se materializam num qualquer suporte externo ao sujeito humano temos o documento, que é um meio *sine qua non* para a comunicação cara a cara ou à distância de um para muitos e de muitos para uma infinidade de interlocutores.

O exemplo de Lund (2024) do jantar de família serve, perfeitamente, para questionar o neodocumentalismo e para mostrar a importância relativa do elemento suporte, constituinte do documento. Para que o jantar de família seja documento ele teve de ser registado num suporte, possivelmente em papel com o relato mais ou menos detalhado desse momento familiar de convívio, em fotografia impressa em papel ou em negativo ou um registo audiovisual. Este vídeo contém informação potencialmente comunicável: as pessoas presentes no jantar conversaram e comeram, o menu servido seguiu uma ementa, e a partilha desta situação concreta pode abranger o número digitalmente mensurável de visualizações. Ao cientista da informação interessa estudar o contexto gerador do jantar, organizar os tópicos das

conversas aí havidas e procura mapear e entender o comportamento dos usuários dessa informação audiovisual, as necessidades que motivam a busca e quais as vias de acesso ao conteúdo por eles preferidas. O foco está, pois, na infocomunicação (Silva, Gouveia, 2023, p. 40-58; Silva, Gouveia, 2020, p. 15-33; Passarelli, Malheiro, 2019), que completa de forma mais precisa a informação documental enquanto base do objeto de estudo da Ciência da Informação, fixada como uma ciência social aplicada que investiga os problemas, as questões e os casos relacionados ao fenómeno infocomunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação das propriedades inerentes à génese do fluxo, à organização e recuperação e ao comportamento informacional, ou seja, todo um processo ou ciclo desde a origem, passando pela coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso da informação (Silva, Paletta, 2022, p. 12) – fluxo infocomunicacional (ciclo ou processo, objeto exclusivo da CI). Com este redirecionamento pretende-se acentuar a diferenciação substantiva entre o conteúdo partilhado (infocomunicação) e o meio ou meios que a materializam (documento) e que o foco da Ciência da Informação está mais no conteúdo que no meio.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto A. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros; São Paulo: Associação Brasileira de Profissionais da Informação, 2014.

BRIET, Suzanne. **Qu'est que la documentation?** Paris: EDIT – Éditions Documentaires, Industrielles et Techniques, 1951.

CAPURRO, Rafael. **Epistemologia y ciencia de la información**. 2003. Disponível em: <https://www.capurro.de/enancib.htm>. Acesso em 10 out. 2014. Acesso em: 17 out. 2025.

CAPURRO, Rafael, FLEISSNER, P.; HOFKIRCHNER, W. **Is a unified theory of information feasible?: a trialogue**. In Second International Conference on the Foundations of Information Science. 2. The quest for a unified theory of information. [S. l.]: Gordon and Breach, 1999. p. 09-30.

KUHN, Thomas. **The Structure of scientific revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

LUND, Niels W. **Introduction to documentation studies: complementary studies of documentation, communication and information**. London: Facet Publishing, 2024.

MORA, F. **O Problema cérebro-mente**. Lisboa: Dinalivro, 2002.

MOREIRO GONZALEZ, J. A. **Conceptos introductorios al studio de la información documental**. Salvador, BA: EDUFBA, 2005.

OTLET, Paul. **Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique**. Bruxelles: Mundaneum, 1934.

PASSARELLI, Brasilina; Ramos, Fernando; MALHEIRO, Armando. **E-infocomunicação: estratégias e aplicações**. São Paulo: Senac, 2019.

SANCHES NETO, Asy Pepe. **O que é a neodocumentação?: Acompanhando a formação da rede, dos discursos e das agências a partir das obras de Niels Lund, Michael Buckland, Ronald Day e Bernd Frohmann**. 2022. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal, Niterói, 2022.

SILVA, Armando M. da; GOUVEIA, Luis B. (Des)infocomunicação ou a busca do sentido original. *In*: LOPES,

Marília dos Santos (coord.). **A história na era da (des)informação**. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas; Universidade Católica Editora, 2023. p. 40-58.

SILVA, Armando M. da; GOUVEIA, Luis B. A. Infocomunicação ou a convergência das ciências da informação e da comunicação para um objeto comum. **Páginas A&B**, série 3, n. especial, p. 15-33, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21747/21836671/pag2020a2>. Acesso em: 17 out. 2025.

SILVA, Armando M. da; PALETTA, Francisco C. **Ciência da informação: estudos de epistemologia e de ética**. Ponta Grossa, PR: Atena, 2022.

Como citar:

SILVA, Armando Malheiro da. A dimensão cognitiva da informação e o seu impacto na expressão “informação documental”. *In*: SALDANHA, Gustavo Silva. (org.). **A Ciência da Informação documental no espaço ibero-americano: abordagens contemporâneas e perspectivas**. Brasília: Editora Ibict, 2025. p. 85-104. DOI: <https://doi.org/10.22477/9788570132345.cap4>